

# Uma história de alerta: A provação de uma família com a malária

Fatai e Hanifat Adisa e sua filha Mariam se mudaram da Nigéria para os Estados Unidos dez anos atrás. Desde então, a família deles cresceu e ganhou cinco filhos, com dois a onze anos de idade. Eles viviam todos em Indiana, onde o Sr. Adisa trabalhava como fisioterapeuta.

## A preparação da viagem

No final de 2005, a família inteira teve uma oportunidade de visitar a Nigéria. Para preparar seus filhos para a viagem, a Sra. Adisa consultou um pediatra que prescreveu antibióticos e medicamentos para dor e febre caso alguém adoecesse.

A Sra. Adisa também queria proteger seus filhos contra a malária, uma doença perigosa que ocorre no seu país de origem. Ela indagou a respeito de vacinas contra a malária no departamento de saúde local, mas foi informada, corretamente, que não existe nenhuma vacina contra a malária. O departamento de saúde informou a ela que há pílulas que podem ser tomadas contra a malária. No entanto, a Sra. Adisa achou que as pílulas deviam ser usadas somente em caso de doença. Ela não entendeu que essas pílulas na verdade podem ser tomadas para prevenir a infecção pela malária. Assim, a família viajou sem a proteção oferecida pelos medicamentos que previnem a malária (quimioprofilaxia da malária).

## A visita à Nigéria

Durante diversas semanas na Nigéria, a família Adisa visitou amigos e parentes em muitos lugares: Lagos, Abuja, Kano e Ilorin. As crianças gostaram tanto da Nigéria que algumas delas não queriam voltar para os Estados Unidos.

## O desenvolvimento da doença

A família voltou para Indiana no final de janeiro de 2006, e as quatro crianças mais velhas retornaram à escola. Mas duas semanas mais tarde elas começaram a ter febre, dores de cabeça e sintomas semelhantes aos da gripe. Também estavam irritadiças. Alguns dias mais tarde, a escola ligou para a Sra. Adisa para dizer que Mariam, sua filha de onze anos, estava com dores de cabeça intensas. Preocupada, a Sra. Adisa levou as cinco crianças para a clínica local. Lá, as quatro crianças mais velhas foram diagnosticadas com gripe, e Mariam foi informada que também estava com a garganta inflamada.

Elas foram tratadas com antibióticos e um medicamento para a dor. Três dias mais tarde, a Sra. Adisa notou que dois dos seus filhos, Ridhwan, de seis anos, e Mohammad, de dez, estavam com os olhos amarelados. Outro filho, Mansour, também não parecia estar bem. Ela levou todos os três para o hospital local, onde os médicos fizeram exames de sangue e suspeitaram de malária. Eles imediatamente transferiram os meninos para o hospital da Universidade de Chicago, a algumas horas de ambulância, para diagnóstico e tratamento mais especializados.

## Os medos se confirmaram: malária

No hospital da Universidade de Chicago, os médicos confirmaram que todos os três meninos estavam com malária por *Plasmodium falciparum*, que pode causar adoecimento grave e até mesmo morte. A malária de Mohammad, de dez anos de idade, fez com que ele adoecesse gravemente. O sangue dele estava muito ácido (acidose láctica) e com pouquíssimo açúcar (hipoglicemia). Ele estava muito anêmico e também apresentava episódios de pressão baixa.

Os médicos internaram Mohammad na unidade de terapia intensiva pediátrica (UTIP) e o conectam a um aparelho de respiração. Eles administraram fluidos intravenosos para corrigir a acidose e a hipoglicemia de Mohammad; medicamentos para diminuir a pressão arterial, transfusões de sangue e plasma para corrigir os danos causados pela malária e medicamentos intravenosos para destruir os parasitas da malária.



A malária fez com que Ridhwan Adisa fosse enviado para o hospital, mas ele não foi o único a ficar doente. (Cortesia de John Easton, University of Chicago Hospitals)

Mansour e Ridhwan não ficaram tão gravemente doentes quanto Mohammad, mas, assim como ele, estavam com os olhos amarelados, um sinal de icterícia associado à malária grave. Além disso, Mansour estava com uma elevada carga parasítica. Uma de cada vinte das suas hemácias estava infectada com os parasitas da malária. Os médicos internaram os dois garotos na UTIP, onde eles receberam tratamento intravenoso com medicamentos antimaláricos e transfusões de sangue.

Só para ter certeza, os médicos também testaram o sangue das duas outras crianças da família e descobriram que elas também estavam infectadas com o *Falciparum malaria*. Um dia depois dos seus irmãos, ambas as meninas, Mariam e Noorat, de dois anos de idade, foram internadas na unidade de pediatria geral e tratadas com pílulas antimaláricas.

## Recuperação

Felizmente, todos os cinco filhos e filhas de Adisa se recuperaram dessa extraordinária provação. Após dois dias de tratamento intensivo, Mohammad estava bem o bastante para os médicos o desconectarem do aparelho de respiração. No terceiro dia, Mohammad, Mansour e Ridhwan se sentiam muito melhor e foram transferidos para a unidade geral. Pelo sétimo dia após sua hospitalização, todas as cinco crianças tinham recebido alta do hospital, bem recuperadas e livres da malária.

Seus pais estão muito gratos por esse resultado feliz. Eles desejam partilhar essa história de alerta para encorajar os viajantes para áreas nas quais a transmissão da malária ocorre a tomar as precauções simples que podem prevenir essa perigosa doença.

## Notas de rodapé

\*Fatai e Hanifat Adisa autorizaram o Centers for Disease Control and Prevention para entrevistá-los a respeito da doença dos seus filhos, discutir o caso com os médicos e publicar esta história.



Mohammad Adisa na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica, sendo tratado por malária grave. (Cortesia de John Easton, University of Chicago Hospitals)

## Mantenha-se protegido da malária

- Consulte o seu médico de 4 a 6 semanas antes de viajar.
- Tome seu medicamento antimalária exatamente conforme receitado.
- Proteja-se das picadas de mosquitos, especialmente à noite.
- Se você ficar doente durante ou após sua viagem, pode ser malária: consulte imediatamente um médico.